

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA  
CURSO DE JORNALISMO**

**RENATA GONÇALVES CARVALHO**

**RELATÓRIO TÉCNICO DO LIVRO-REPORTAGEM  
OLHARES SOBRE MARIA DO CARMO: FEMINICÍDIO, FEMINISMO E FÉ**

**São Borja - RS  
2023**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA  
CURSO DE JORNALISMO**

**RENATA GONÇALVES CARVALHO**

**RELATÓRIO TÉCNICO DO LIVRO-REPORTAGEM  
OLHARES SOBRE MARIA DO CARMO: FEMINICÍDIO, FEMINISMO E FÉ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof. Dra. Eloisa J C Klein

**São Borja - RS  
2023**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos  
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do  
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

C331o Carvalho, Renata Gonçalves  
Olhares Sobre Maria do Carmo / Renata Gonçalves Carvalho.  
35 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade  
Federal do Pampa, JORNALISMO, 2023.

"Orientação: Eloísa Joseane da Cunha Klein".

1. Santa Popular. 2. livro-reportagem. 3. feminicídio. 4.  
jornalismo-literário. 5. São Borja. I. Título.

**RENATA GONÇALVES CARVALHO**

**OLHARES SOBRE MARIA DO CARMO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 30/01/2023.

Banca examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Eloísa da Cunha Klein  
Orientadora  
UNIPAMPA

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Adriana Ruschel Duval  
UNIPAMPA

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Sara Alves Feitosa  
UNIPAMPA



Assinado eletronicamente por **SARA ALVES FEITOSA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 30/01/2023, às 16:42, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **ADRIANA RUSCHEL DUVAL, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 30/01/2023, às 18:35, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **ELOISA JOSEANE DA CUNHA KLEIN, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 10/02/2023, às 12:36, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1041289** e o código CRC **0BDF5FC2**.

## **DEDICATÓRIA**

**Dedico este trabalho ao vô e a avó que não estão mais aqui para ver esta conquista, mas estão vibrando onde quer que estejam. Eu não seria nada sem vocês dois.**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a todos que acreditaram que isto era possível quando eu menos acreditava e sonharam junto comigo este livro.

À Prof<sup>a</sup> Eloísa Klein que conseguiu me ajudar a traçar a ideia deste livro reportagem, que por tantas vezes estava tão confusa em minha cabeça, e me ajudou trazendo muito conhecimento e orientação necessária.

À minha família, especialmente a minha mãe, que sempre me deu a mão quando eu quis desistir e foi responsável por eu estar aqui hoje. E ao meu pai que esteve desde o início nessa jornada comigo e foi fundamental para eu chegar até aqui.

À minha dinda que me acolheu sempre que eu precisei, sempre me dando o acolhimento que eu necessitava.

Ao meu namorado Ricardo por ter me acolhido e me fazendo ficar brava dizendo que “é a vida” após eu surtar achando que não terminaria... e agora posso suspirar aliviada e dizer: “é a vida”.

Aos meus amigos que me apoiaram e me ouviram falando sobre o assunto e lendo o livro mil vezes, vocês foram fundamentais.

## RESUMO

O seguinte trabalho é um relatório técnico do projeto experimental de um livro reportagem que propõe-se a recontar uma história local que tem fama de ser uma lenda na cidade de São Borja. O livro de jornalismo literário é intitulado Olhares Sobre Maria do Carmo: Femicídio, Feminismo e Fé e conta a história de Maria do Carmo Fagundes, santa popular do município de São Borja, sob a perspectiva da narrativa contada pelos moradores e sobre a fé de seus devotos. Escrevemos de forma cuidadosa e respeitosa, utilizando dados de entrevista, que permitem recompor parte do imaginário da população da cidade sobre a santa popular. O conteúdo produzido neste livro é autoral, com a participação de relatos de moradores que conhecem a história dela, a fim de traçar uma linha entre a história da Santa Popular no município e a relação da fé dos moradores com ela. Além disso, este livro propõe-se a trazer os enfoques misóginos que cercam a sua história. O livro aborda inicialmente a história de Maria do Carmo, primeiramente contextualizando o momento histórico e os locais onde a história ocorre, logo em seguida traz histórias de moradores da cidade de São Borja e sua relação com a santa popular. O livro foi disponibilizado em ebook, para facilitar o acesso e leitura. Neste relatório, trazemos a revisão bibliográfica da fase inicial da pesquisa, pontos contraditórios na história narrada e explicações sobre a produção, escrita e edição do livro reportagem.

Livro publicado no endereço: <https://www.academia.edu/s/9aa1ec6836?source=link>

**Palavras-chave:** Santa Popular, livro-reportagem, feminicídio, jornalismo-literário, São Borja, Maria do Carmo

## **ABSTRACT**

The following work is a technical report on the experimental project of a reportage book that proposes to retell a local story that is reputed to be a legend in the city of São Borja. The literary journalism book is entitled *Looks About Maria do Carmo: Femicídio, Feminismo e Fé* and tells the story of Maria do Carmo Fagundes, popular saint of the municipality of São Borja, from the perspective of the narrative told by the residents and about the faith of her devotees. We write carefully and respectfully, using interview data, which allow us to recompose part of the imaginary of the city's population about the popular saint. The content produced in this book is authorial, with the participation of reports from residents who know its history, in order to draw a line between the history of Santa Popular in the municipality and the relationship of the residents' faith with it. In addition, this book proposes to bring out the misogynistic approaches that surround her story. The book initially addresses the story of Maria do Carmo, first contextualizing the historical moment and the places where the story takes place, then brings stories of residents of the city of São Borja and their relationship with the popular saint. The book was made available as an ebook, for easy access and reading. In this report, we bring a bibliographic review of the initial phase of the research, contradictory points in the narrated story and explanations about the production, writing and editing of the reportage book.

**Keyword:** Popular Saint, book-reportage, Femicide, Literature-Journalism, São Borja, Maria do Carmo

## SUMÁRIO

Introdução.....	12
1. Considerações gerais sobre o estilo de escrita de um livro-reportagem.....	14
1.1 Síntese sobre a definição de livro reportagem.....	14
1.2 Histórico e atualidade do livro-reportagem .....	15
1.3 Técnica da reportagem.....	16
2. Relações patriarcais, feminicídio e o enquadramento religioso .....	18
2.1 Histórico do problema social e uso do termo feminicídio .....	18
2.2 A incidência do machismo sobre a linguagem .....	19
2.3 Aspectos da construção do imaginário religioso .....	20
3. Histórias publicadas sobre Maria do Carmo e estereótipos empregados para se referir a ela.....	22
3.1 História de Maria do Carmo Fagundes a partir de textos disponíveis na internet.....	22
3.2 Análise do tipo de enquadramento social usado para tratar de Maria do Carmo nos textos sobre ela publicados .....	23
4. Desenvolvimento do livro-reportagem.....	27
4.1 Escolha do estilo: escrita literária .....	27
4.2 Escolha dos títulos .....	27
4.3 O Encadeamento das Entrevistas .....	31
4.4 Escolha do formato Ebook.....	32
4.5 Estética do Livro-Reportagem .....	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	39
REFERÊNCIAS .....	41

## Introdução

O livro-reportagem Olhares Sobre Maria do Carmo: Femicídio, feminismo e fé, surge do projeto de TCC 1, que tem por objetivo analisar a midiatização e reverberação de falas populares sobre Maria do Carmo Fagundes, vítima de feminicídio no ano de 1890, em São Borja. Em uma fase inicial, tivemos a preocupação de observar os principais adjetivos e formas de tratamento utilizados para tratar de Maria do Carmo, pois nos chamava a atenção a constante referência a seu tipo de roupa, cabelo, maquiagem e estilo de vida. Buscamos arquivos que contivessem fatos, documentos e narrativas sobre Maria do Carmo, já que a lembrança desta história de vida e seu desfecho trágico faz parte do imaginário da cidade e se vincula à noção instituída socialmente sobre o significado deste crime. A partir das análises, pode-se compreender que a história contada passa por preconceitos, que vêm junto da ideia dos comportamentos considerados aceitáveis ou não para uma mulher do século XIX.

A partir do que foi observado na primeira parte da pesquisa, tivemos a ideia de recontar a história desta Santa Popular, respeitando a sua memória e seus feitos como mulher. Para isso, foi pensado em como seria possível reviver a memória de Maria do Carmo e trazer uma história de certa forma curta em um livro-reportagem. Não pretendemos suprir as lacunas que existem na reportagem factual sobre a vida e morte de Maria do Carmo, dados os mais de 130 anos que nos separam da ocasião de seu assassinato. Estudamos pesquisadores que analisaram fontes documentais e relatos mais próximos de seu tempo de vida, para evitar incorrer em erros sobre os aspectos essencialmente factuais, no que diz respeito particularmente à sua morte. Mas este livro-reportagem se dedica sobretudo ao relato popular acerca de Maria do Carmo, já que sua voz é a voz das pessoas que mantêm viva sua memória.

Para contarmos a história de Maria do Carmo, recorreremos ao imaginário popular das pessoas que visitam o túmulo. Através de entrevistas feitas pessoalmente no túmulo onde hoje é espaço de homenagens para ela, foi possível coletar diversas informações que são repassadas de geração para geração, além disso, podendo trabalhar sobre fé e a imagem que a santa popular representa para a população São Borjense, que demonstra ter muita devoção.

Não é incomum que sujeitos até então desconhecidos, após serem brutalmente assassinados, ganhem a comoção das pessoas do território onde aconteceu a tragédia. Acaba-se, muitas vezes, consagrando como parte das práticas religiosas

populares (SANTANA, 2019). Pela análise da história de três santos populares, Santana (2019) observa uma correção entre o fato de terem sido terrivelmente mortos e posteriormente passarem a ser cultuados como santos pelos moradores das cidades onde os crimes ocorreram. Em vista disso, o imaginário popular é capaz de construir uma entidade milagrosa para além do que estipulam as instituições religiosas oficiais.

No livro reportagem, primeiramente encontramos o que se tem de documental e histórico sobre a morte de Maria do Carmo, com uma linguagem mais formal. E logo após, seguindo a forma de escrita do jornalismo literário, faremos uma contextualização da época em que o crime ocorreu. Decidimos contar a história com uma perspectiva que busca se aproximar do que seria o viés de Maria do Carmo, tanto sobre sua vida, como sobre a noite de sua morte. Após isto, a narrativa passa a ser contada então pelos entrevistados que conhecem sua história e a reconhecem como santa, bem como a relação deles com o espaço de homenagens na cidade de São Borja, sua devoção ou sua relação afetiva com Maria do Carmo.

O livro é apresentado em formato em e-book, portanto de fácil acesso, será colocado na plataforma Academy, onde poderá ser aberto tanto em notebooks, tablets, celulares e kindles. Utilizaremos imagens autorais do túmulo, do local e da estátua, assim como das homenagens que existem para a Santa Popular, desde as velas, os cigarros, as bebidas, as flores e as escritas de batom.

## **1. Considerações gerais sobre o estilo de escrita de um livro-reportagem**

Neste item, sistematizamos o que consideramos como sendo livro-reportagem, tomando por base aspectos históricos e de práticas jornalísticas. Também trazemos referências sobre as técnicas de reportagem empregadas para a apuração, coleta de dados, realização de entrevista e escrita do texto.

### **1.1 Síntese sobre a definição de livro reportagem**

Quando se pensa em livros tem-se uma ideia de que tudo que ocorre na narrativa é fantasioso, não aconteceu ou é fruto da imaginação de alguém. Quando pensamos em jornal é totalmente o contrário, realidade, vida, história em movimento, como muitos gostam de falar. É o que acontece no mundo real, sem invenção de falas ou cenários. Entretanto, há histórias que não cabem em reportagens, por maiores que elas sejam. Mesmo existindo reportagens especiais, há histórias que não cabem nestes modelos (VILLARDO, 2020).

O livro-reportagem surge dessa ideia, quando uma história tem contextos e explicações que não conseguem ser diluídas em apenas dez páginas, elas precisam de uma abordagem mais demorada, precisam de explicações maiores. Numa perspectiva de se reinventar, utilizar novas técnicas e maneiras de fazer jornalismo, o livro reportagem aparece como um espaço com abordagem mais experimental para muitos dos que se utilizam desta opção (ROCHA; XAVIER, 2013). Mas ele também vem crescendo neste meio, como diversas vertentes do jornalismo.

Os subgêneros do jornalismo (como informativo, opinativo, interpretativo) coexistem entre si e cada um cabe em um formato. O livro-reportagem vem como uma nova proposta de informação e literatura, e sendo assim, surge como um aliado do jornalismo, como um novo subgênero do jornalismo (GOMBERG; VILARDO, 2018). Os autores classificam o livro-reportagem como um “espaço nobre para exercício do jornalismo”.

Rocha e Xavier (2013), analisam que nos séculos XVIII e XIX há publicações que contribuem para o modelo de grande narrativa de um livro-reportagem, pois o gênero permite que se tragam os mínimos detalhes dos fatos, porém mantendo o tratamento objetivo. Portanto, a utilização dos livros como um amparo para o jornalismo não é algo atual, entretanto, só se considera um livro-reportagem quando

o livro trata sobre situações reais, com personagens que vivenciam a história contada e se utiliza de técnicas jornalísticas para a criação do mesmo, mas aproveitando-se de uma linguagem literária (ROCHA; Xavier, 2013)

Em suma, o jornalismo é composto por diversos gêneros e subgêneros, um em cada meio, um para cada finalidade. Eles coexistem juntos e todos se utilizam das técnicas jornalísticas para a criação daquela notícia, cada um com sua forma de contar a história em movimento que acontece o tempo inteiro. Um produto não toma o local do outro, pois seus propósitos são diferentes. Enquanto é necessário alimentar as redações com as *hard news*, também é necessário existir outros meios de informação para outros leitores, por isso formatos diversos coexistem juntos.

## **1.2 Histórico e atualidade do livro-reportagem**

Embora a recente popularização da publicação de livros-reportagens, em sua forma impressa, o livro reportagem tem uma história já longeva. Entre 1587 e 1588, houve emissões textuais do austríaco M. Aitzinger, que atuou como um dos pioneiros no gênero, com publicações noticiosas em livros nos quais compilava notícias e as publicava semestralmente, buscando preservar o valor delas.

Com o passar do tempo, foram surgindo diversos autores que se utilizavam deste meio para a publicação de notícias em formatos de livros. Emile Zola, um trabalhador de uma mina de carvão que estava em greve, se tornou o repórter da situação que ali ocorria. Utilizando-se de uma linguagem clara e sintética, ele trouxe à tona a vida social e política da época e analisou os problemas que os mineradores enfrentavam, na França.

No Brasil, tivemos um caso bastante semelhante. Euclides da Cunha era jornalista e escritor e foi a pedido do Jornal Estado de S. Paulo, para a região de Canudos, onde já escrevia há algum tempo defendendo o governo e os militares. Entretanto, ao chegar lá e perceber a realidade, o escritor trouxe à tona em seu livro o sofrimento que o povo de Canudos estava passando.

Com a popularização da leitura em telas, o livro-reportagem também se tornou mais prático e dinâmico e não precisa investir tanto financeiramente para a criação de produto deste tipo, como anos atrás. Além disso, há uma boa possibilidade de divulgar o produto, dado o interesse de leitores com este formato literário. O livro-reportagem

possibilita também o uso das plataformas disponíveis para a publicação e a fuga do jornalista das redações de hard news.

### **1.3 Técnica da reportagem**

A entrevista abre espaço para diversos suportes, entre eles, a interação social. Com a entrevista, é possível quebrar a barreira entre grupos sociais, mas principalmente serve para a pluralização de muitas vozes (VALIM, 2010). Valim (2010) também salienta que a técnica de entrevista não envolve apenas o sujeito que a realiza, mas também aquele que participa. A técnica da entrevista está na arte de saber ouvir, perguntar e conversar. A pessoa entrevistada desempenha um papel crucial no tipo de entrevista realizada, sendo preciso considerar seu modo de vida, seu jeito de falar, seu tipo de conhecimento.

O pesquisador ou jornalista utiliza-se esta técnica da entrevista quando há interesse no que o outro tem a contar, logo, tem-se interesse em suas histórias. Embora estejamos falando de perguntas para um interlocutor que traz sua visão de mundo, o jornalista também tem interesse nos fatos, na ordem que eles ocorrem e nas reflexões oriundas disto. A entrevista detalhada, então, não teria por objetivo criar hipóteses em cima das respostas ou ter acesso a respostas específicas, mas sim, entender a experiência das outras pessoas e o que elas atribuem a esta experiência. (VALIM, 2010).

A entrevista muitas vezes é uma atividade interacional ordenada, a organização dela se apoia em turnos de fala, dando espaço para os locutores gerando a alternância de fala de um ou outro (MONDADA, 1997). Os turnos são pré-estabelecidos. Diferente de uma conversação normal, na entrevista há alternância entre perguntas e respostas. Os turnos acabam dividindo entre parte um e parte dois, o primeiro executando um condicionamento ao segundo, pois acaba projetando uma sequência a partir das perguntas feitas. Além de que, um dos benefícios de se utilizar da entrevista é que ela pode acabar gerando mais objetos de estudo. Segundo Mondada (1997), a entrevista é considerada um intercâmbio comunicativo entre múltiplos locutores.

Sendo assim, a utilização do método de entrevistas foi de grande utilidade para a construção deste livro-reportagem, visto que há apenas uma prova documental sobre a vida de Maria do Carmo. A partir das entrevistas, conseguimos então construir

a história tendo acesso a falas de pessoas que ouviram falar sobre ela, passando de geração a geração.

## **2. Relações patriarcais, feminicídio e o enquadramento religioso**

Neste item, discorreremos brevemente sobre as incidências das relações patriarcais em aspectos da linguagem e das ações dos indivíduos. Tratamos sobre o termo feminicídio, seu histórico e pertinência para pensar o problema social da violência contra a mulher. Estes temas são importantes para entendermos as lógicas contextuais que marcam o feminicídio de Maria do Carmo Fagundes e também o modo como ela passou a ser lembrada pela comunidade samborjense.

### **2.1 Histórico do problema social e uso do termo feminicídio**

O feminicídio ainda é um termo relativamente novo, visto que sua criação na legislação brasileira existe há apenas sete anos, em 2015, com a Lei 13.104/15, que prevê crime o assassinato de mulheres sob a justificativa de gênero, ou seja, quando uma mulher é morta por apenas ser mulher. Entretanto, este termo existe desde a década de 1970, quando feministas da época o trouxeram à tona ao notar que mulheres estavam sendo mortas em decorrência de seu gênero. O feminicídio é uma ferramenta do patriarcado extremamente cruel às mulheres, que as leva a diversas agressões até chegar em seu assassinato, afinal, sua motivação está ligada diretamente ao gênero (SIQUEIRA, 2016.).

A desigualdade de gênero é uma realidade, e com ela vem diversas complicações para a vida das mulheres, afinal, o patriarcado coloca as mulheres em situações de violência e vulnerabilidade constante. Historicamente, as mulheres são colocadas em uma posição socialmente inferior, acarretando assim nas violências praticadas contra elas, gerando o desrespeito e o assédio. O papel de submissão também está ligado a este conceito do que é ser mulher em nossa sociedade, portanto, é preciso compreender que isto está diretamente ligado a violência de gênero que ocorre. E esta violência não ocorre somente em nosso país, mas no mundo todo, embora o problema se apresente de forma diferente (SIQUEIRA, 2016).

Muitas autoras consideram o feminicídio como uma expressão cruel do patriarcado, tendo como objetivo a morte de uma mulher pelo simples fato de ser uma, ou seja, a condição de gênero é a causadora e a maior motivação deste crime. O termo foi trazido pela primeira vez em 1976, quando Diana Russel fez um discurso no Tribunal Internacional de Crimes Contra Mulheres, que ocorreu em Bruxelas. A sessão

reuniu em média duas mil mulheres, de quarenta países diferentes, com a intenção de debater sobre a opressão e a violência contra mulheres. Após alguns anos, com a pesquisadora da também feminista Jane Caputti, Russel escreveu um artigo abrangendo mais o termo com o título “Femicide: sexist terrorism against women”. Na obra, as autoras identificam o termo para designar a morte gerada através da discriminação de gênero, sendo essa a única e exclusiva motivação. O feminicídio é o final do processo, mas antes disso, as mulheres já sofrem abusos como violência, agressão, estupro e privações que essa vítima passa ao longo de sua vida.

No Brasil, de acordo com o Fórum de Segurança Pública Brasileira, os números de feminicídio no primeiro semestre de 2022 bateram recordes. De janeiro a junho de 2022 foram registrados 699 mortes por conta do feminicídio, em média quatro mulheres por dia morreram. O crescimento de casos foi de 10,9% em relação a 2019. Os primeiros relatórios foram feitos a partir de 2016, mas apenas há um resultado conclusivo a partir de 2019, quando o registro foi feito mês a mês. O relatório do segundo semestre ainda não foi finalizado, entretanto, Samira Bueno, diretora-executiva do Fórum acredita que se manter a tendência da crescente do primeiro semestre, 2022 será um ano que baterá recordes de feminicídios.

## **2.2 A incidência do machismo sobre a linguagem**

A linguagem e a comunicação estão ligadas diretamente a sociedade, nas sociedades letradas é evidente que as palavras possuem um papel não somente para a conversação e a escrita, mas também como uma demarcação de poder. A partir disso, é possível compreender que a língua pode demonstrar ser um instrumento simbólico na construção do gênero.

Sabendo que o Brasil ainda é um país machista, justificado pela desigualdade de gênero e os índices de feminicídio, é possível observar que a língua incorpora esta ideologia. “A língua assume o papel fundador de refletir a sociedade falante, e, portanto, transmitir as ideologias que imperam nela.” (ALENCAR, 2014, p.8) Além disso, Alencar traz exemplos de palavras e como elas funcionam para cada gênero. Como a palavra “governanta” que designe aquela que governa a casa e seus masculino, “governante” que é aquele quem dirige um país. Assim como a palavra “mundana” que para mulheres significa puta, prostituta ou meretriz e em sua versão masculina “mundano”, temos o significado de frívolo, fútil, elegante e experiente. Estes

exemplos demonstram que as diferenças delineiam a discriminação contra as mulheres.

Mas da mesma forma que temos estes exemplos, a língua está em constante mudança, e para a realização da mesma é necessário refletirmos para que possamos mudá-la e tornar cada vez mais hábil a finalidade comunicacional e também que ela esteja apta para os processos de transformação da nossa sociedade.

### **2.3 Aspectos da construção do imaginário religioso**

O imaginário em torno de figuras tomadas como santas tem vinculação com os locais de acontecimentos socialmente testemunhados. Adam e Pires (2021) analisam como os locais em que foram encontrados os pedaços da imagem de Nossa Senhora foram elemento central na constituição da devoção à Nossa Senhora Aparecida. Outro aspecto que impulsionou o crescimento da devoção, neste caso, é o fato de a imagem ter a pigmentação preta, proporcionando uma identificação com as pessoas da comunidade. O caso de Nossa Senhora Aparecida também envolve uma imagem já conceituada institucionalmente na Igreja Católica e que já agregava um reconhecimento oficial.

Os aspectos de associação a acontecimentos marcantes, locais específicos de vivência deste acontecimento e também objetos que o rememoram estão presentes em vários casos de imaginário religioso popular, mesmo em torno de figuras que não chegam a fazer parte de um reconhecimento institucional oficial por religiões estabelecidas. Maia (2015) analisa como uma “devoção popular” quando ocorrem estes casos de reconhecimento de figuras associadas ao imaginário religioso, mesmo quando não assumidas por alguma instituição. A autora analisa três casos de devoção popular no Ceará e observa a morte violenta como um componente unificador dentre as narrativas que passam a tornar a pessoa uma presença vívida na devoção popular.

No caso de Maria do Carmo, observam-se os mesmos componentes que constituem o imaginário popular: a morte violenta, a existência de lugares em que esta morte é rememorada (o local de festa, a proximidade com a instituição em que trabalhava o assassino, que é o quartel, o local da morte, o local onde foram deixados os restos mortais), a existência de objetos pelos quais se rememora sua morte e devoção (quando a narrativa sobre seus hábitos se torna uma forma de homenagem popular a partir de objetos, como cigarro, batom e bebida).

Embora a narrativa sobre devoções populares esteja presente em várias culturas, notamos na repetição da história de Maria do Carmo como permanece a desqualificação do popular, já que a devoção é associada aos termos profanos e prostituta com bastante frequência. Também notamos um reforço da lembrança sexista, ao usarem-se termos derivados dos relatos orais para compor características cristalizadas sobre o comportamento de Maria do Carmo.

### **3. Histórias publicadas sobre Maria do Carmo e estereótipos empregados para se referir a ela**

Neste item, faremos uma breve síntese sobre os termos utilizados para se tratar de Maria do Carmo e como esse modo de falar sobre a santa popular mantém alguns traços das relações de poder do patriarcado sobre o corpo e a memória da mulher vítima de feminicídio.

#### **3.1 História de Maria do Carmo Fagundes a partir de textos disponíveis na internet**

Muitas lendas são criadas em municípios, pode-se dizer que quanto menor a cidade for, mais chances há de isso acontecer. Com São Borja não é diferente, a cidade situada no extremo oeste do Rio Grande do Sul é cheia de lendas e de mitos. Uma das mais interessantes, talvez seja a de Maria do Carmo, uma mulher que foi vítima de feminicídio em 1890 e era tão querida pelo povo que foi considerada uma santa popular no município. O documento que atesta a existência de Maria do Carmo Fagundes é sua certidão de óbito, registrada pelo delegado de polícia na época, com base em fragmentos de roupas e de corpo humanos encontrados nas proximidades do batalhão do exército (FAGUNDES, 2003).

Maria do Carmo Fagundes, segundo os indícios, era natural de Bagé e durante a guerra do Paraguai acabou indo para São Borja, não se sabendo ao certo se foi sozinha ou com a família (FAGUNDES, 2003). Antes de ser considerada santa, Maria era só uma mulher, que queria viver sua vida da forma que mais lhe agradava, sem se importar com o julgamento machista que julga até hoje sua história. Segundo os textos disponíveis na internet, Maria do Carmo gostava muito dos bailes que ocorriam em sua cidade, e lá foi onde encontrou o homem que tirou a sua vida. Muitos textos sobre Maria do Carmo tomam seu assassino como um homem ciumento e acabam por definir que se tratou de um “crime passionnal”. Não coincidentemente, os mesmos textos tentam sempre dar visibilidade à aparência ou ao modo de vida de Maria do Carmo.

Segundo pesquisas sobre a morte de Maria do Carmo, seu assassino era um militar, conhecido como Baiano, embora não necessariamente ele fosse advindo do estado da Bahia. O termo “Baiano” era utilizado para designar homens que não

sabiam andar bem a cavalo. Não se sabe ao certo se ambos tiveram ou não um relacionamento. As histórias relatadas pela população da época em pesquisas sobre Maria do Carmo (FAGUNDES, 2003) dão conta que na noite do crime o militar naquela a assediou e a matou com golpes de faca. Os requintes de crueldade são demonstrados na forma que ele a matou, pois além de degolá-la, ele ainda esquartejou e atirou em um riacho, onde os restos mortais acabaram atraindo cachorros.

A morte de Maria do Carmo foi sentida por toda comunidade, ela era amada e bem vista por muitos, não queriam aceitar que aquela mulher que era tão boa poderia ter sido morta de uma forma tão sem escrúpulos. Pesquisas feitas na época da morte de Maria do Carmo e que recuperam aspectos das histórias populares sobre ela dão conta de que se tratava de uma pessoa que praticava o bem, distribuía o pouco que tinha e era bem quista na comunidade (FAGUNDES, 2003; GRECO; OLIVEIRA; AUSTRIA; ALMEIDA, 2013).

Ao encontrarem seu corpo, guardaram os restos mortais encontrados e foi criado para ela, no local de sua morte, um santuário (FAGUNDES, 2003). Maria do Carmo agora era uma Santa Popular de São Borja. Por conta disso, em seu túmulo existem muitos presentes, como bebidas e cigarros, pois faziam parte de seus gostos quando viva. Em seu túmulo, também é possível localizar agradecimentos por realizar a prece das pessoas, que utilizam o batom vermelho pois era a cor que mais gostava de usar.

A análise de termos qualificadores e adjetivos utilizados recorrentemente nas narrativas sobre Maria do Carmo. Em nossa leitura de materiais de pesquisa e de sites locais sobre a personagem histórica Maria do Carmo, vítima de feminicídio em 1890, nos deparamos com a recorrência aos termos “santa prostituta”, “santa profana”, aos hábitos incomuns para a época e a ausência de descrição do responsável por sua morte.

### **3.2 Análise do tipo de enquadramento social usado para tratar de Maria do Carmo nos textos sobre ela publicados**

Neste subitem, fazemos uma breve análise sobre o tipo de enquadramento corriqueiro ao se designar Maria do Carmo. Nesta análise, observamos três itens: 1)

a forma que a chamam ou como é tratada a referência de Santa Popular, 2) como a tratam-na como mulher e por fim 3) como tratam de seu assassino.

A base de dados para a criação desta pesquisa foi inicialmente trabalhada através do acervo regional, logo foi buscado no material no acervo da cidade, na biblioteca da Unipampa e também no Google, usando a palavra-chave “Maria do Carmo”.

## Parte 1

Tabela de Análise de artigos sobre a história contada de Maria do Carmo

<b>Nome do material:</b>	<b>como trata a referência de Santa Popular:</b>	<b>Como a tratam como mulher:</b>
<b>texto 1:</b>	"santa prostituta" "santa profana"	"Chamava a atenção dos homens pela sua beleza e sempre estava acompanhada por um amante diferente a cada dia"
<b>texto 2:</b>	"santa popular" "santa profana"	"mulher bonita, vaidosa, cobiçada pelos homens." "entre perfumes e batons Maria do Carmo se enfeita para chamar atenção de seus amantes."
<b>texto 3:</b>	"santa profana"	"Maria do Carmo foi uma mulher simples, humilde, festeira, sensual, que tinha o hábito de fumar, beber e ajudava as pessoas necessitadas. Era conhecida por ter muitos amantes, atitude que, para a época, afrontava à moral vigente e, por essa razão, Maria do Carmo passou a ser considerada prostituta."
<b>texto 4:</b>	"santa profana"	"Maria do Carmo foi uma mulher simples, humilde, festeira, sensual, que tinha o hábito de fumar, beber e ajudava as pessoas necessitadas. Era conhecida por ter muitos amantes, atitude que, para a época, afrontava à moral vigente e, por essa razão, Maria do Carmo passou a ser considerada prostituta."
<b>texto 5:</b>	"santa profana" "santa prostituta"	"Maria do Carmo Fagundes, uma mulher que, apesar de sua vida desregrada para a época, é considerada santa pela população municipal." "Maria do carmo era muito bonita [...], não era uma bêbada contumaz, mas gostava de bebidas alcoólicas, de cigarros e reuniões promíscuas." "Para alguns era prostituta e ganhava a vida pelo comércio de seu corpo, para outros era simplesmente promíscua, teve vários amantes."

## Parte 2

<b>Nome do material:</b>	<b>Como tratam seu assassino / o crime:</b>
<b>texto 1:</b>	<b>"Um deles, porém, estava cego de ciúmes e de paixão por aquela mulher livre e independente."</b>
<b>texto 2:</b>	<b>"o militar que a cobiçou e a teve noite passada estava cego de paixão." "no baile é surpreendida por um de seus amantes e por lá fica, e seu amante da noite passada acaba ficando para trás, sendo dominado pelo ódio de um homem traído e trocado." "Maria do carmo foi vítima de um amor não correspondido."</b>
<b>texto 3:</b>	<b>"A trágica morte da Santa Profana foi causada por um de seus inúmeros amantes."</b>
<b>texto 4:</b>	<b>"Maria do Carmo viveu em São Borja no contexto histórico da Guerra do Paraguai, era morena, tinha altura mediana, cabelos castanhos longos e chamava a atenção dos homens que viviam na região. Por não ser adepta aos padrões de comportamento da época, gostava de festejar, fumar, beber e se relacionar com mais de um homem. A moça era tachada de profana."</b>
<b>texto 5:</b>	<b>"A lenda conta que ao se encontrar com um homem, um ex-amante rejeitado, o qual era muito ciumento e apaixonado, seguiu a noite se divertindo no evento em que se encontrava."</b>

fonte: CARVALHO, 2022

É possível compreender que em todos os trabalhos analisados, foram encontradas palavras como "profana" e "prostituta." A palavra profana, é quase o oposto da palavra "santa", segundo o dicionário significa: "Oposto ao respeito devido ao que é sagrado." E sobre o "prostituta", em toda história de Maria do Carmo não é encontrado uma evidência sequer que ela era uma trabalhadora do sexo. Portanto, as duas palavras que cercam esta mulher, são palavras utilizadas de forma machista para julgar por costumes morais.

Sobre o segundo item, podemos observar que Maria do Carmo ou é referida pela aparência, em alguns até mesmo que ela mantém esta aparência para os homens, ou se referem a ela por seus hábitos como fumar ou beber. Coisas irrelevantes para a construção desta história, mas que perpetuam uma narrativa. Pois a forma descrita da situação soa mais como julgamento do que como características.

E sobre o terceiro item, temos uma narrativa diferente da de Maria para o assassino. Enquanto Maria faz as coisas para provocar, o militar é vítima dos

sentimentos. Em muitas vezes, dando a entender que quem o fez perder o controle foi ela. Ou seja, Maria foi culpada pela morte ao despertar o ciúmes no assassino, ou então ela foi morta por ter rejeitado ele.

Em suma, nas análises feitas consegue-se compreender que a história de Maria do Carmo, assim como muitas que envolvem feminicídio, culpabilizam a vítima de alguma forma. No caso da história de Maria do Carmo, a santa é culpabilizada por costumes que para a época eram considerados imorais. E este julgamento, como podemos analisar na tabela, é rememorado até os dias atuais.

## **4. Desenvolvimento do livro-reportagem**

Este item contém especificações sobre o livro reportagem desenvolvido. Neste tópico, iremos tratar primeiramente sobre o estilo literário, que fala a respeito da linguagem utilizada para a escrita do livro. Em seguida, iremos abordar sobre a escolha dos títulos de cada um dos capítulos, também o encadeamento das entrevistas, como foi escolhida a ordem e como se complementam. Após, iremos explicar sobre o formato do ebook, o porquê desta escolha e finalizaremos com a estética do livro e como ela foi pensada.

### **4.1 Escolha do estilo: escrita literária**

No jornalismo, é permitido utilizar-se de uma linguagem mais literária para contarmos histórias reais. A linguagem literária é capaz de fazer com que os leitores possam compreender a história de forma mais detalhada e também com mais emoção. Esta característica vem em conjunto do “New Journalism” e está muito ligada ao jornalismo literário que prevê a contação de uma história real com o teor literário de um livro.

Uma das maiores referências para a utilização desta escrita neste livro-reportagem é a jornalista Eliane Brum, que através das reportagens, conta com detalhes a história narrada. A escritora e jornalista utiliza-se da escrita literária para repassar em seus livros o sentimento ao realizar a reportagem, contando aquela história, respeitando suas fontes e trazendo a sensibilidade necessária para o que dispõe a escrever.

A escolha desta linguagem para tecer o livro-reportagem vem da necessidade de poder repassar as sensações que a história pode gerar. Por se tratar de um tema forte como feminicídio e misoginia, a linguagem literária auxilia na condução do assunto, tendo ligação direta com a conscientização do tema. Também, para conseguir passar os sentimentos que se teve através das entrevistas e da pesquisa para a contação desta história através do livro.

### **4.2 Escolha dos títulos**

Todas as histórias trazidas no presente livro são separadas por títulos, cada um para enunciar e elucidar bem o que a história conta. Todos os títulos foram pensados e repensados para que fornecessem o encaixe perfeito para a história que está sendo contada. O livro conta com 9 títulos, na fonte 30 e utilizando-se da cor laranja, seu código em específico é #D67A05. As figuras abaixo sinalizam cada capítulo e como encontra-se seu designe no Livro reportagem. Além do mais, a primeira figura sinaliza o título do Livro-reportagem.

Figura 1



**DE BAGÉ A SÃO BORJA**

Fonte: Livro-Reportagem: Olhares Sobre Maria do Carmo: Femicídio, feminismo e fé

Este primeiro capítulo foi pensado para trazer dados mais documentais, sobre o que se sabe exatamente sobre a morte e sobre a vida de Maria do Carmo. Por isso, o título é mais explicativo, para acompanhar o capítulo que também é. Nele, aborda as falas de Clóvis Benevullete e as pesquisas da tese de Antônio Augusto Fagundes que traz nele acesso a fontes secundárias como a filha da família Pantaleão. Ela nasceu já após a morte de Maria do Carmo, mas lembra-se da história contada pela mãe. Trago nele também a certidão de morte de Maria do Carmo, único documento a respeito da santa. Este título surge quando começa a história de Maria do Carmo, atualizando do contexto histórico da época, trazendo a cidade onde nasceu e a cidade onde viveu. Maria do Carmo, de acordo com documentos, nasceu em Bagé mas teve seus últimos dias na cidade de São Borja.

Figura 2



**PESQUISA SOBRE VIDA E MORTE**

Fonte: Livro-Reportagem: Olhares Sobre Maria do Carmo: Femicídio, feminismo e fé.

A escolha deste título é onde conto a trajetória que foi a criação do livro, Por este motivo, o capítulo inicia o livro-reportagem. Conto a experiência das entrevistas, o que fui encontrando no caminho, como era no túmulo, como me senti, as pessoas que participaram

das entrevistas, as dificuldades e os bônus. Este título combina perfeitamente com o que me proponho a escrever neste capítulo, pois ao longo deste tempo de criação, muitas foram as minhas idas até lá.

Figura 3



**AO LONGO DAS MINHAS IDAS**

Fonte: Livro-Reportagem: Olhares Sobre Maria do Carmo: Femicídio, Feminismo e Fé.

Este título surge pois é aqui onde narro a história de Maria do Carmo Fagundes. De Bagé a São Borja traça os trajetos que a protagonista fez, contextualiza de onde ela veio, trata sobre o momento histórico. Este capítulo foi marcado com conteúdo sensível devido a descrição de sua morte.

Figura 4



**FÉ ACIMA DA MORAL**

Fonte: Livro-Reportagem: Olhares Sobre Maria do Carmo: Femicídio, Feminismo e Fé.

Este título foi o primeiro que surgiu dentre todos, pois foi o primeiro capítulo que escrevi. Ele passa exatamente o que eu queria trazer com este livro-reportagem. E ele se dá devido a conversa que tive com a entrevistada. Ela tinha tanta fé na Maria, que a incomodava ouvi-la sendo chamada de prostituta. Em vários momentos, ela fala que Maria já deveria ser santa, mas que ainda há muito preconceito. Quando a entrevistei, é como se ela sabia exatamente do que trata este livro. Era uma senhora já, com netos, e mesmo assim não tinha nenhum preconceito com a história contada de Maria.

Figura 5

## **FÉ DE GERAÇÃO EM GERAÇÃO**

Fonte: Livro-Reportagem: Olhares Sobre Maria do Carmo: Femicídio, Feminismo e Fé.

Este título está em apenas um capítulo, mas poderia servir para todos. A história de Maria do Carmo é repassada desta forma para quase todos que entrevistei. Todos tinham uma mãe, uma avó, que lhe repassou esta fé. No caso deste capítulo e o porquê do título, é porque Clóvis nasceu no bairro onde carrega seu nome e cresceu no mesmo. A fé dele vem desde a infância, soube através da família e através do culto ao túmulo que ficava no bairro. Traz exemplos dele mesmo criança pedindo para ela.

Figura 6

## **DIA DOS FINADOS**

Fonte: Livro-Reportagem: Olhares Sobre Maria do Carmo

Este capítulo tem este nome porque foi uma das histórias mais fortes que encontramos ao longo da trajetória deste livro. Cheguei a entrevistá-la duas vezes, uma fiel de Maria do Carmo que pelo sobrinho que não andava, passou a ir todos os dias, faça chuva ou faça sol, rezar por ele. Caminhava longos quilômetros, passou a ser acompanhada pelo companheiro, que tinha uma história semelhante com a Santa Popular. Muitos dos pedidos são feitos em relação à família, mas o que chama atenção neste, é que tinha sido o primeiro pedido da entrevistada. Ela era devota, ela visitava o túmulo, mas nunca antes havia feito a promessa, mas pela família, ela fez.

Figura 7

## **PELA FAMÍLIA**

Fonte: Livro-Reportagem: Olhares Sobre Maria do Carmo: Femicídio, Feminismo e Fé.

Este título foi pensado no que o entrevistado recebeu a partir da promessa, era um homem humilde, viúvo e trabalhador. Que há anos sonhava o que quase todo brasileiro sonha, a casa própria. Esta foi a promessa que fez a Maria do Carmo, e este foi o pedido concebido. Não pode aproveitar o lar ao lado de sua esposa, que infelizmente morreu antes, mas pode ter uma casa para ele e para os dois filhos.

Figura 8



Fonte: Livro-Reportagem: Maria do Carmo: Olhares Sobre Femicídio: Feminismo e Fé.

Este título ocorreu, porque o dia que fui era dia dos finados, nele eu narro as dificuldades que passei neste dia, mas também as entrevistas que fiz. Explico que estava cheio, mas neste dia o cansaço e o mal estar me venceram. Mas mesmo com este problema, surgiram relatos muito interessantes e bonitos. Neste dia senti as pessoas mais tímidas para falar, mas aos poucos, foram se soltando.

Figura 9



Fonte: Livro-Reportagem: Olhares Sobre Maria do Carmo: Femicídio, Feminismo e Fé.

Este título surge, a partir de uma ideia de finalização do livro-reportagem. Para o último capítulo, quis trazer uma ideia do porquê uma mulher havia virado santa. Portanto, eu trago pontos elementares para a criação de uma imagem de Santo Popular, correlacionando a história e visão de Maria do Carmo.

### **4.3 O Encadeamento das Entrevistas**

As entrevistas foram parte fundamental do processo de criação do livro-reportagem. Por conta de Maria do Carmo estar no imaginário social das pessoas e sua história ter ocorrido há muitos anos atrás, é através das falas dos indivíduos da

comunidade que conseguimos trazer sua história. Também, queremos tratar neste livro a relação da fé e como ela age na vida de devotos da Santa Popular.

Portanto, na hora da montagem, fui utilizando das entrevistas para trazer a narrativa que o livro-reportagem se encaixava. O encadeamento então não seguiu uma ordem linear de quando elas foram feitas. Eu ia trazendo conforme elas entravam na história. No total, temos no livro seis capítulos realizados através de entrevistas, em alguns momentos entrevistei mais de uma pessoa durante a entrevista.

A primeira entrevista que encontramos no livro, após a que utilizei de forma mais documental após o prólogo, foi com Maria do Horto. Eu trago essa entrevista de primeira, porque a forma que a entrevista tratou em alguns momentos sobre gênero foi de forma espontânea e caberia bastante naquele momento do livro. Visto que eu trago no prólogo e no prefácio, relações diretas entre a violência de gênero e o que houve com Maria do Carmo. Na minha segunda entrevista também há citações sobre a misoginia, portanto, eu a trago de novo. Fazendo assim, uma sequência de entrevistas que debatem a forma que a narrativa da santa popular perpassa por machismos.

No restante das entrevistas, mesmo que nas primeiras eu também trago assim, aborda-se em sua maioria, a fé das pessoas. Mas o debate de gênero acaba não surgindo tão fortemente e essas entrevistas então vem depois das duas que debateram este assunto.

#### **4.4 Escolha do formato Ebook**

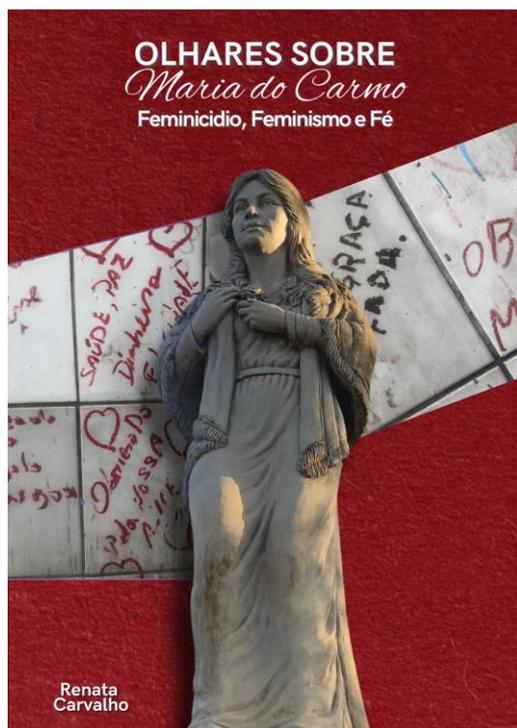
A utilização do ebook para a publicação deste livro se dá por alguns motivos, o primeiro é o fácil acesso a ele. Qualquer pessoa que tenha vontade de ler este livro terá acesso a ele a partir de um clique. Ainda por ser um formato ebook, é escolhido portanto fonte tamanho 15, para a facilitação da leitura em smartphones e outros aparelhos direcionados a leitura de ebooks.

Também o fator valor para a publicação, existem diversas plataformas para se publicar um ebook de forma gratuita, tal fato que não ocorre com os livros impressos, compreendendo-se que se gasta para a impressão dos exemplares. Por conta disso, optei pela plataforma Academy para disponibilizar o livro.

## 4.5 Estética do Livro-Reportagem

A estética deste livro-reportagem se deu através de diversas ideias que compõem o conjunto. Desde a criação da capa até a escolha das cores foram pensadas. Neste item iremos ver os resultados estéticos do livro-reportagem.

Figura 10



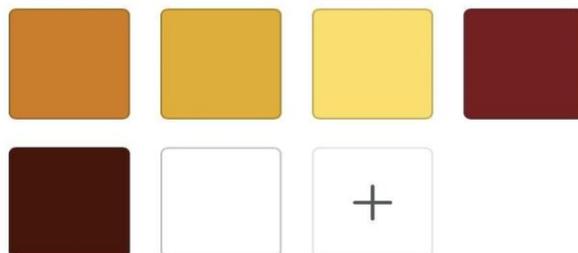
Fonte: Livro Reportagem: Olhares Sobre Maria do Carmo: Femicídio, Feminismo e Fé.

Na capa eu queria utilizar alguns símbolos que acho importantes para a narrativa da história -- e o primeiro é a estátua. Maria do Carmo não deixou nenhuma foto em vida, portanto, pouco temos a respeito de seus traços. A estátua é o mais próximo que podemos ter dessa imagem – e ela tem lacunas, mesmo tendo sido feita a base de estudos. Além disso, ao usarmos esta imagem na capa, construímos o significado de que Maria do Carmo fica em primeiro plano, acima de tudo, para demonstrar que ela será a protagonista de sua história.

Além de usar a estátua, outro ponto importante que eu gostaria de trazer são os agradecimentos de batom, fotos tiradas no túmulo, para representar os fiéis

devotos. E por fim, a cor vermelha em homenagem à tradição de utilizar-se do batom vermelho para realizar os agradecimentos.

Figura 11



Fonte: Livro Reportagem: Olhares Sobre Maria do Carmo: Femicídio, Feminismo e fé.

A paleta de cores foi pensada para trazer para o livro um visual mais fluido para a leitura. Primeiramente, são utilizados dois tipos de vermelho, marrom escuro e outro um rubi escuro. As páginas do interior do livro são desta cor quase marrom dando profundidade para o texto e principalmente pensando na cor escura como uma facilitadora da leitura, tal como o modo escuro que é uma realidade em aparelhos de celulares, tablets e kindle. A cor das letras são brancas, mas utilizo os tons de amarelo para salientar frases importantes, assim como informações legais de fixar e também frases que causem algum impacto.

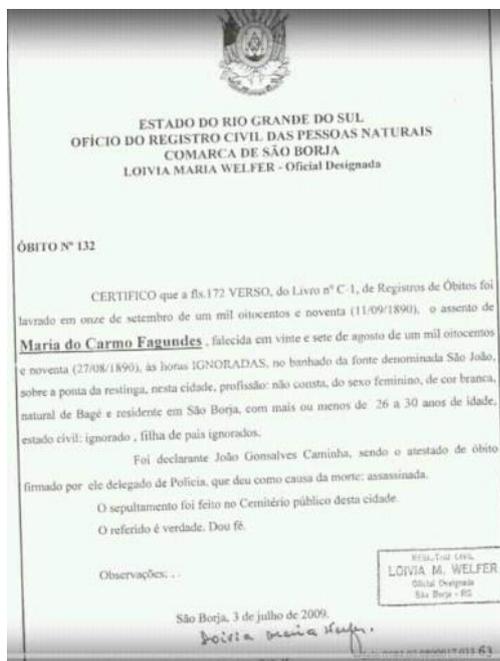
#### 4.6 Imagens utilizadas no livro-reportagem

O modo como a narrativa sobre Maria do Carmo é contada remete a vários aspectos visuais, como a presença de um túmulo, a existência da estátua, a oferenda de comidas e bebidas, os recados deixados no túmulo. Em nosso livro, procuramos trazer imagens marcantes sobre cada um destes aspectos que remetem a uma faceta sobre a relação das pessoas devotas e/ou membros da comunidade com a santa popular Maria do Carmo.

Na primeira sequência de fotos, abaixo, procuramos recuperar o documento que prova a existência de Maria do Carmo, que é a certidão de óbito, expedida com o testemunho do delegado de polícia, da época, e com detalhes sobre os restos mortais encontrados, além de nomes das testemunhas do achado. Também fotografamos

Clóvis Benevenuto Junior, que trabalha no museu da cidade de São Borja e pesquisa sobre Maria do Carmo.

### CERTIDÃO DE ÓBITO DE MARIA DO CARMO FAGUNDES



Fonte: Clóvis Benvenuto

### FOTO DO CAPITULO “FÉ DE GERAÇÃO EM GERAÇÃO”



Na fotografia abaixo, trazemos a presença do relato do entrevistado não a partir da imagem de seu corpo, mas da imagem construída pela pessoa entrevistada, ao compor um mosaico de entidades sagradas, entre as quais está Maria do Carmo. Essa imagem representa o entrevistado naquilo que nos interessa para a matéria deste livro, que é a materialização de sua fé e de sua relação com Maria do Carmo.

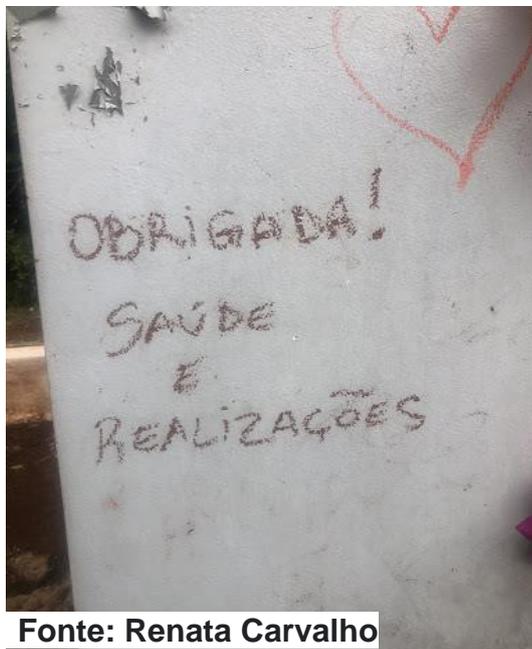
### ANEXO C- CAPA DO CAPÍTULO “FÉ ACIMA DA MORAL”



Fonte: Renata Carvalho

Na sequência de fotos abaixo, trazemos como imagens os registros da materialidade presente sobre Maria do Carmo, que se encontra em seu túmulo e na estátua em sua homenagem. Também resgatamos a materialidade da narrativa sobre Maria do Carmo, que se expressa através das homenagens e dos agradecimentos, com escrita em batom vermelho, o que recupera um outro aspecto material corriqueiramente mencionado sobre Maria do Carmo.

**FOTO DO CAPÍTULO “PELA FAMÍLIA”**



**Fonte: Renata Carvalho**

**FOTO DO CAPÍTULO “AO LONGO DAS MINHAS IDAS”**



**Fonte: Renata Carvalho**

## FOTO DO CAPÍTULO “DIA DOS FINADOS”



**Fonte: Gabriel Maia**

Optamos por não trazer imagens dos nossos entrevistados da comunidade por duas razões: primeiro porque buscamos preservar a intimidade de seu momento de homenagem e fé, já que os abordamos sem aviso prévio, na entrada do cemitério; segundo porque embora contemos a história de Maria do Carmo através de outras pessoas, que nos dão a ela acesso através de sua vivência de fé, é Maria do Carmo a personagem deste livro, que buscamos materializar em escrita e materialidade visual.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O livro-reportagem surgiu como uma forma de desmistificar o discurso machista na história de Maria do Carmo para primeiramente conscientizar e compreender que este caso não é isolado, e a narrativa que persegue as mulheres vítimas de feminicídio é bastante cruel. Para trabalhar o assunto de uma forma diversa de outras abordagens, buscamos uma imersão no assunto, repetindo a vivência dos fieis, de idas contínuas ao túmulo e espaço de homenagem. Buscamos uma conexão com os entrevistados, mesmo que as entrevistas tenham sido feitas de forma breve (cerca de 10 minutos até meia hora), através de um diálogo em que oferecíamos parte das nossas vivências, para escutarmos o retorno sobre a vivência das pessoas ouvidas.

Durante a realização das entrevistas, foi possível notar como as pessoas que visitam o túmulo realizam uma reflexão sobre a brutalidade da morte de Maria do Carmo, gerando um tipo de sentimento que mistura medo da violência, medo da exposição de sua devoção e sensação de pesar pelo modo como Maria do Carmo foi morta. Esses sentimentos se misturam, igualmente, com a sensação de paz no túmulo e com o agradecimento por benesses recebidas.

Ter a oportunidade de recontar essa história trazendo o viés do gênero foi de extrema importância para mim e a sensação que fica é a de dever cumprido. Além disso, tratar sobre a fé das pessoas foi algo que me tocou muito, principalmente porque se desenvolveu o livro através das entrevistas. Os depoimentos de gratidão a Maria do Carmo, demonstram a forma que a população lhe vê. Apesar da narrativa machista que perpassa esta história, seus devotos não se importam com estes julgamentos morais e até mesmo a defendem.

Em suma, o livro-reportagem Olhares Sobre Maria do Carmo: Feminicídio, Feminismo e Fé atendeu o objetivo de tratar sobre violência de gênero na história da narrativa de Maria do Carmo. Utilizamos em maioria o recurso da entrevista, tanto para abordar a misoginia que cerca a sua história, quanto a fé das pessoas. Consegue-se compreender o porquê é necessário a ressignificação desta história e como a narrativa que existe hoje em dia é desrespeitosa com a história de vítimas de feminicídio.

Em nossa experiência jornalística com essa pauta, ao darmos as pessoas a oportunidade de pensar sobre um fato com o qual elas têm experiência, ocorre um

processo de reflexão sobre a violência contra a mulher, o feminicídio e como os julgamentos morais podem acarretar atos bárbaros ao longo da história.

## REFERÊNCIAS

ADAM, Felipe; PIRES, Guilherme de Paula. **De santa à Padroeira: A reinterpretção do imaginário popular na biografia Aparecida**. VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Cotidiano. Universidade Federal Fluminense. 2021. [http://designnaleitura.net.br/8sipmc/files/gt4\\_127\\_18130.pdf](http://designnaleitura.net.br/8sipmc/files/gt4_127_18130.pdf)

ALENCAR, Dalva Patricia De et al.. **A língua é machista? reflexões sobre questões de gênero nos estudos gramaticais de língua portuguesa**. Anais do I CONEIL... Campina Grande: Realize Editora, 2020. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/72028>>. Acesso em: 21/01/2023 22:40

ANDRADE, G. F., PADOIN, M. M., & ISMERIO, C. (2021). **Historia de Bage novos olhares**. <https://doi.org/10.54176/RGTM8538>

BRASIL. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2022. <http://forumseguranca.org.br:3838/>

DE CONTO, Janete Maria. **Representações sociais da mulher em situação de violência doméstica e familiar no contexto sócio-histórico de São Borja/RS**. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Letras na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutora em Letras. 2012. disponível: <https://portalintercom.org.br/anais/sul2013/resumos/R35-0597-1.pdf>

FAGUNDES, Antônio Augusto. **As Santas Prostitutas: um estudo de devoção popular no Rio Grande do Sul**. Poa/RS: Martins Livreiro, 2003.

GRECO, Karen. OLIVEIRA, Leandro. AUSTRIA, Josenia. ALMEIDA, Cristovão. **A Construção do Mito e do Imaginário Social nos Processos Culturais: “Túmulo do Anjinho” e “Maria do Carmo” Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. 2013, Santa Cruz do Sul, RS. Universidade Federal do Pampa. disponível: <https://portalintercom.org.br/anais/sul2013/resumos/R35-0597-1.pdf>

MAIA, Michelle Ferreira. **Milagreiros um estudo sobre três santos populares no Ceará (1929-1978)**". Tese apresentada ao Programa de PósGraduação em História da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutora em História. disponível: <https://www.ppghufgd.com/wp-content/uploads/2017/03/Michelle-Ferreira-Maia.pdf>

MIGUEL, F. V. C. **A ENTREVISTA COMO INSTRUMENTO PARA INVESTIGAÇÃO EM PESQUISAS QUALITATIVAS NO CAMPO DA LINGUÍSTICA APLICADA**. Revista Odisseia, [S. l.], n. 5, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/odisseia/article/view/2029>. Acesso em: 17 jan. 2023.

MONDADA, L. **A entrevista como acontecimento interacional: abordagem linguística e conversacional**. RUA, Campinas, SP, v. 3, n. 1, p. 59–86, 2015. DOI: 10.20396/rua.v3i1.8640619. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8640619>. Acesso em: 17 jan. 2023.

MORAES

MORGENTAL, Lenise. **Maria do Carmo: Da Luxúria ao Milagre**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentada no curso de Jornalismo na Universidade Federal do Pampa, São Borja, 2011. Disponível: [https://issuu.com/le\\_morgental/docs/maria\\_do\\_carmo.\\_pdf](https://issuu.com/le_morgental/docs/maria_do_carmo._pdf)

PAIVA, Victoria. ALMEIDA, Cristovão. É Preciso Falar Sobre Femicídio: A História de Maria Do Carmo em São Borja. **Anais do 10º Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão - SIEPE**. 2018, Santana do Livramento, RS. Universidade Federal do Pampa. Disponível: [https://guri.unipampa.edu.br/uploads/evt/arq\\_trabalhos/16250/seer\\_16250.pdf](https://guri.unipampa.edu.br/uploads/evt/arq_trabalhos/16250/seer_16250.pdf)

PINTO, Muriel; SILVA, Jardel. **História, Memórias e as Paisagens Culturais da Cidade Histórica de São Borja**, Erechim/RS, 2015.

MARIA do Carmo, Santa Missioneira e Profana, da Terra dos Presidentes. Portal das Missões, 2017. Disponível: <https://portaldasmissoes.com.br/site/view/id/1289/maria-do-carmo,-santa-missioneira-e-profana,-da-te.html> acesso: 10/04/2022

OTSWALD, Beatriz. **O livro-reportagem no contexto do jornalismo e o correspondente internacional como jornalista**. Revista Miguel Nº2. Universidade Católica do Rio de Janeiro. 2020. <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/48591/48591.PDF>

ROCHA, P. M.; XAVIER, C. **O livro-reportagem e suas especificidades no campo jornalístico**. RuMoRes, [S. l.], v. 7, n. 14, p. 138-157, 2013. DOI: 10.11606/issn.1982-677X.rum.2013.69434. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/69434/72014> Acesso em: 6 jan. 2023.

VILLARDO, Beatriz; GOMBERG, Felipe. **Na fronteira entre jornalismo e literatura: um levantamento das pesquisas mais atuais em livro-reportagem nos congressos da SBPJor**. VIII Encontro Nacional de Jovens Pesquisadores em Jornalismo. Universidade Católica do Rio de Janeiro. 2018. <https://sbpjour.org.br/congresso/index.php/jpjour/JPJor2018/paper/viewFile/1613/607>

SANTANA, Julio. (2020). **A morte e a religiosidade no imaginário popular: o cemitério como local de culto e devoções marginais**. Revista M. Estudos sobre a morte, os mortos e o morrer. 5. 178. 10.9789/2525-3050.2020.v5i9.178-183.

SIQUEIRA, Anelise. **FEMINICÍDIO NO BRASIL**: uma reflexão sobre o direito penal como instrumento de combate à violência de gênero. Universidade Federal Fluminense. 2016.

<https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/4840/ANNELISE%20SIQUEIRA%20COSTA%20RODRIGUES%20-%20FEMINIC%20CDDIO%20NO%20BRASIL.pdf;jsessionid=FB5D9DE137498F3B36CA34FBD7E1DB93?sequence=1>

